

ONDE NASCEU:

Hospital
Maternidade L2 Sul,
hoje Hospital
Regional da Asa Sul.

ORIGEM FAMILIAR:

Pai fluminense,
mãe pernambucana

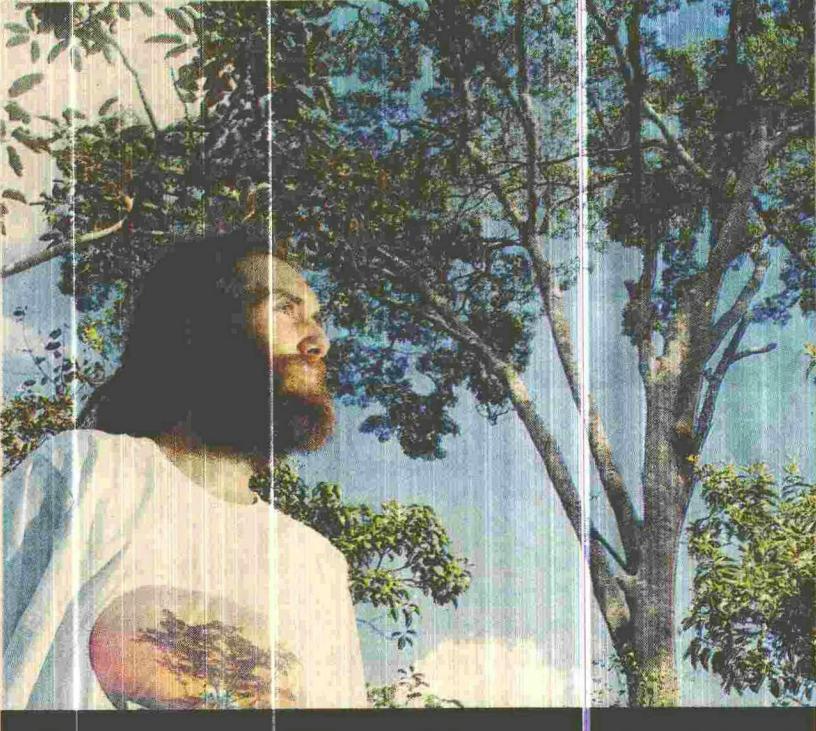
LEMBRANÇA**DE INFÂNCIA:**

Andar de bicicleta
com a família no
Lago Sul.

**O QUE GOSTA
EM BRASÍLIA:**

UnB. "Foi lá que me
formei e conheci
pessoas muito
importantes na
minha vida."

Daniel Ferreira/CB



04

BRASÍLIA,
SÁBADO,
21 DE ABRIL
DE 2018

OVIGILANTE da natureza

Claudio Jacintho vê Brasília de uma forma diferente, pelas suas árvores retorcidas e áreas preservadas. Na chácara onde mora, as casas são de barro e os telhados de grama

DA REDAÇÃO

As curvas sinuosas das obras do arquiteto Oscar Niemeyer definem os cartões postais de Brasília. Por ano, cerca de 1 milhão de turistas visitam a cidade e se encantam com o concreto criativamente erguido. No entanto, há pessoas que preferem o verde ao cinza e, no lugar das curvas monumentais, buscam inspiração na tortuosidade das árvores do cerrado. "A terra não pertence ao homem. O homem, sim, pertence à terra." Os versos da música *Tudo é Sagrado*, de Káthia Pinheiro e Rosane De Martin, poderiam representar a constante busca de um desses brasilienses pela integração entre homens e natureza, a do engenheiro florestal Cláudio Jacintho. Aos 29 anos, suas raízes no solo da capital são profundas.

"Nunca fui de esbanjar dinheiro, comprar coisas importadas ou "roubar" o carro dos meus pais. Não costumava brincar com os garotos da minha rua", conta CJ, que passou a adolescência no Lago Sul. A melhor lembrança daquela época é a dos passeios de bicicleta que fazia pelas ruas do bairro.

Em 1983, a família Jacintho comprou um terreno de quatro hectares, há 25 km do centro de Brasília. Cláudio lembra das palavras do pai para os filhos: "um dia vocês poderão morar aqui". E ele acertou. Mas talvez não imaginasse que as casas seriam de barro, madeira e bambu, os telhados de grama, que o abastecimento de água viria da chuva e que os banheiros, denominados "secos", nem mesmo usariam sistema de esgoto. A chácara, batizada de Asa Branca, tornou-se uma ecovila e hoje é um dos principais cen-

tos de permacultura — sistema que concilia técnicas ancestrais a modernos conhecimentos científicos ligados à ecologia. Lá, praticamente todas as atividades são realizadas dentro do ciclo natural da matéria. Tudo o que é retirado da terra volta para a mesma em forma de vida.

Chegar à Asa Branca significa conhecer um lado de Brasília que se perdeu ao longo destes 47 anos. No caminho, o belo cerrado nativo, de árvores retorcidas, vários tons de verde e espécies variadas de plantas e animais, contrasta com os quintais de grama rasa e mangueiras de jardim dos condomínios da região. Hoje, moram na chácara as famílias de Cláudio e do irmão, Leandro. "Para mim, o melhor lugar de Brasília é aqui", afirma CJ.

Mas na sua trajetória de vida, o tempo na Universidade de Brasília (UnB) também marcou. Durante os anos que passou entre uma aula e outra, Cláudio desistiu da engenharia mecânica, optou pela florestal. "Compreendi que a natureza estava sendo usada como mero substrato para que a espécie humana tomasse conta do planeta, em detrimento de outras formas de vida e até do próprio homem", argumenta.

Hoje, Cláudio é técnico do Ministério da Agricultura e, paralelamente, coordena o Instituto de Permacultura, Organização, Ecovilas e Meio Ambiente (Ipoema), do qual foi o idealizador. O Ipoema conta com 40 associados que planejam e executam projetos e cursos de bioconstrução, agrofloresta e outros assuntos relacionados à permacultura. "Este ano, vamos nos aproximar das escolas do DF. Queremos mostrar que existe uma alternativa segura, justa e sustentável para elas", conta.